

## PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA FÍSICA, PSICOLÓGICA E SEXUAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

PREVALENCE OF PHYSICAL, PSYCHOLOGICAL AND SEXUAL VIOLENCE  
AMONG UNIVERSITY STUDENTS

PREVALENCIA DE LA VIOLENCIA FÍSICA, PSICOLÓGICA Y SEXUAL ENTRE  
ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Leandro Matos Souto da Rocha<sup>1</sup>, Patricia Gaspar Mello<sup>2</sup>, Kevan Guilherme Nobrega Barbosa<sup>3</sup>,  
Evanisa Helena Maio de Brum<sup>4</sup>

DOI: 10.54899/dcs.v22i83.3541

Recibido: 09/10/2025 | Aceptado: 10/10/2025 | Publicación en línea: 23/10/2025.

### RESUMO

A violência não está voltada para apenas um grupo específico da população, no entanto, o número de estudos tem chamado a atenção para o fenômeno da violência em estudantes universitários. Com isso, o estudo em questão objetivou avaliar a prevalência de violência física, psicológica e sexual em estudantes universitários da saúde, bem como sua associação com o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e os Transtornos Mentais Comuns (TMC). Tratou-se de uma pesquisa quantitativa, com delineamento transversal e descritivo, realizada em um centro universitário privado do nordeste do Brasil, envolvendo 11 cursos da área da saúde. O tamanho da amostra foi calculado com base no número total de estudantes da área da saúde matriculados na instituição, chegando ao tamanho de 357 participantes. As prevalências encontradas foram de 29,9% para violência física, 50,4% para violência psicológica e 24,5% para violência sexual. Sobre a prevalência de TMC, variaram de 48,9% a 69% para aqueles que sofreram algum tipo de violência; foram encontradas associações significativas entre TMC e violência ( $P < 0,05$ ), com exceção do tipo de violência física. Já no que diz respeito a prevalência de TEPT entre estudantes universitários, os resultados revelaram que foi 83% para aqueles que sofreram algum tipo de violência ao longo da vida, bem como os resultados de associação foram significativos entre TEPT e os três tipos de violência investigados.

**Palavras-chave:** Prevalência. Violência. Universitários. Saúde Mental.

<sup>1</sup> Mestre em Pesquisa em Saúde, Centro Universitário Cesmac, Maceio, Alagoas, Brasil.

E-mail: leandro.matos@cesmac.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2054-3892>

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: pgmello@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Odontologia na área de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: kevanguilherme@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9410-7356>

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: evanisa.brum@cesmac.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0128-591X>

## ABSTRACT

Violence is not aimed at just a specific group of the population, however, the number of studies has drawn attention to the phenomenon of violence among university students. Therefore, the study in question aimed to evaluate the prevalence of physical, psychological and sexual violence in university health students, as well as its association with Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD) and Common Mental Disorders (CMD). This was a quantitative research, with a cross-sectional and descriptive design, carried out in a private university center in the northeast of Brazil, involving 11 courses in the health area. The sample size was calculated based on the total number of health students enrolled at the institution, reaching a size of 357 participants. The prevalence rates found were 29.9% for physical violence, 50.4% for psychological violence and 24.5% for sexual violence. Regarding the prevalence of CMD, it ranged from 48.9% to 69% for those who suffered some type of violence; significant associations were found between CMD and violence ( $P < 0.05$ ), with the exception of the type of physical violence. Regarding the prevalence of PTSD among university students, the results revealed that it was 83% for those who suffered some type of violence throughout their lives, as well as the association results were significant between PTSD and the three types of violence investigated.

**Keywords:** Prevalence. Violence. College Students. Mental Health.

## RESUMEN

La violencia no afecta solo a un grupo poblacional específico; sin embargo, un número creciente de estudios ha llamado la atención sobre el fenómeno de la violencia entre estudiantes universitarios. Por lo tanto, este estudio tuvo como objetivo evaluar la prevalencia de la violencia física, psicológica y sexual entre estudiantes universitarios de salud, así como su asociación con el Trastorno de Estrés Postraumático (TEPT) y los Trastornos Mentales Comunes (TMC). Se realizó un estudio cuantitativo, transversal y descriptivo en una universidad privada del noreste de Brasil, que abarcó 11 programas de salud. El tamaño de la muestra se calculó con base en el número total de estudiantes de salud matriculados en la institución, alcanzando 357 participantes. Las tasas de prevalencia encontradas fueron del 29,9% para la violencia física, del 50,4% para la violencia psicológica y del 24,5% para la violencia sexual. En cuanto a la prevalencia del TMC, esta osciló entre el 48,9% y el 69% para quienes experimentaron algún tipo de violencia. Se encontraron asociaciones significativas entre el TMC y la violencia ( $P < 0,05$ ), con excepción de la violencia física. Respecto a la prevalencia del TEPT entre estudiantes universitarios, los resultados revelaron que era del 83% para quienes habían experimentado algún tipo de violencia a lo largo de su vida, y la asociación entre el TEPT y los tres tipos de violencia investigados fue significativa.

**Palabras clave:** Prevalencia. Violencia. Estudiantes Universitarios. Salud Mental.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

---

## INTRODUÇÃO

A definição de violência tem sido ampliada significativamente nas últimas décadas. A literatura propõe que comportamentos naturalizados como parte da cultura podem ser formas expressas de violência. De acordo Abramovay (2002), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), caracteriza a violência como sendo “cada vez mais, um fenômeno social que atinge governos e populações, tanto global quanto localmente, no público e no privado, estando seu conceito em constante mutação” (p. 10).

Ainda de acordo com Abramovay (2002), “devido à generalização do fenômeno da violência, não existem mais grupos sociais protegidos, diferentemente de outros momentos, ainda que alguns tenham mais condições de buscar proteção [...]” (p.10). Partindo dessa citação, pode-se dizer que o fenômeno da violência é complexo, podendo ser manifestado de inúmeras formas e direcionado para diferentes perfis de indivíduos e grupos. Nesse sentido, de acordo com Dahlberg e Krug (2007) para a Organização Mundial da Saúde (OMS) a violência é definida como o “uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado” (p.3).

De acordo com a OMS (2014), anualmente no mundo, aproximadamente 1,3 milhão de pessoas vão à óbito por forças externas e um número ainda maior sofre com ferimentos não fatais resultantes de autoagressões ou de agressões provocadas por outros. Estima-se que a violência represente 2,5% da mortalidade no mundo e seja uma das principais causas de morte em pessoas entre 15 e 44 anos (OMS, 2014). Em um estudo transversal realizado com base nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde a prevalência de violência em adultos do Brasil, no ano de 2019, considerando os últimos 12 meses, foi de 18,3%. (Mascarenhas et al. 2021).

Estudos tem apontado associação entre violência em diferentes fases da vida e transtornos mentais, como na pesquisa realizada por Melo (2015) que investigou 834 alunos do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Alagoas para verificar essa associação, e os resultados revelaram que a exposição a qualquer tipo de violência ao longo da vida aumentou em 3,9 vezes as chances de manifestação de algum transtorno mental.

Abordar o tema da violência no contexto universitário torna-se relevante, pois a literatura aponta que, mesmo sem traumas ou sem ter vivido violência, alguns estudantes não conseguem se adaptar às exigências da sua formação, podendo vivenciar um grande sofrimento psíquico

(Moreira, Vasconcelos & Health, 2015). Vale salientar que as Instituições de Ensino Superior (IES) também possuem a responsabilidade de promover uma educação integral aos seus estudantes, que vai muito além de proporcionar conhecimentos teóricos e técnicos (Malajovich, Vilanova, Frederico, Cavalcanti & Velasco, 2007).

Com isso, dada a extensão do fenômeno e dos resultados de prevalência e associação entre violência e transtorno mental encontrados na literatura, é fundamental a realização de estudos que apresentem informações atualizadas sobre a extensão e a caracterização desse problema, no grupo de estudantes universitários, com a finalidade de otimizar a compreensão relacionada à exposição desse público à violência do tipo física, psicológica e sexual, assim como analisar especificamente possíveis associações desses tipos de violência com agravos a saúde mental no público estudado, além de fomentar a criação de políticas institucional necessárias para detecção desse estudantes para oferecimento de apoio psicossocial.

## **OBJETIVOS**

Este estudo tem como objetivo avaliar a prevalência de violência física, psicológica e sexual em estudantes universitários da saúde, bem como, a associação com Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) e Transtornos Mentais Comuns (TMC).

## **MATERIAL E MÉTODO**

Pesquisa quantitativa, com delineamento transversal e descritivo e de natureza observacional aplicada (Rouquayrol & Gurgel, 2018). A coleta de dados foi realizada em uma instituição de ensino superior privada do nordeste; a amostra foi composta por universitários de 11 cursos da área da saúde, sendo eles: Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Serviço Social; A coleta de dados ocorreu durante 1 mês, no período de junho a julho de 2023. O tamanho da amostra foi calculado com base no número de estudantes da área da saúde, estimado pela instituição, que foi de 4.915. Foi utilizado um erro amostral de 5%, nível de confiança de 95% e prevalência esperada de 50%, considerando a inexistência de estudos dessa magnitude para a região em análise. Com base no cálculo amostral, foi encontrado a necessidade de um tamanho amostral mínimo de 357 estudantes universitários dos cursos de saúde.

Com o tamanho amostral mínimo de 357 estudantes da área da saúde, foi realizada a amostragem proporcional para encontrar o número exato de participantes para cada curso, da qual foi representado por 7,26% (0,0726) do total populacional.

Com o total de participantes a serem alcançados em cada curso e após ter sanado todos os impedimentos referentes a aprovações e autorizações para a pesquisa, o início da coleta de dados foi dado e os participantes da pesquisa foram convidados a participar de forma probabilística, sendo sorteados por número de matrícula os alunos presentes em sala de aula no momento da visita, para chegarmos ao número exato desejado, concretizando, com isto, o recrutamento dos participantes da pesquisa.

Os participantes da pesquisa tiveram acesso às perguntas somente após darem o consentimento, assim como, após terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); a pesquisa foi realizada de forma coletiva através de formulário eletrônico do *google*, no qual os participantes tiveram que preencher quatro questionários, das quais descreveremos abaixo:

- 1 - Ficha para levantamento de dados sócio-demográficos: Ficha contendo dados gerais e sociodemográficos, contendo as seguintes variáveis: sexo, idade, estado civil, número de dependentes, religião, município de residência, pessoas com quem reside, características étnico-raciais, ocupação, renda pessoal, renda familiar, escolaridade dos pais. Elaborado pelos próprios pesquisadores.
- 2 - Questionário de Investigação de Prevalência de Violência Física, Psicológica e Sexual: Questionário contendo perguntas fechadas para investigar possível vivência de violência em algum momento da vida, seja ela física, psicológica ou sexual. Elaborado pelos próprios pesquisadores.
- 3 - *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20): Questionário para a mensuração de nível de suspeição de transtorno mental comum, se caracterizam por sintomas não psicóticos, como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas, envolvendo os diagnósticos de depressão e ansiedade. Os escores variam em uma escala que vai de 0 a 20 pontos. Os pontos de corte para indicativo positivo da presença de TMC para indivíduos do sexo masculino é o escore total maior ou igual a seis; já para os do sexo feminino é o escore total maior ou igual a oito. Esse questionário foi desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde (Santos, Araújo, Pinho & Silva, 2010).

4 - Posttraumatic Symptom Checklist (PCL-C): O questionário em questão possui duas versões, a utilizada foi a PCL-C, desenvolvida para a população civil. Avalia as consequências de diversos tipos de experiências traumáticas. Esse instrumento tem como base os critérios diagnósticos do DSM-5 para o TEPT. O examinando deve preencher o quanto tem sido perturbado no último mês pelos sintomas descritos, utilizando uma escala de gravidade que varia de 1 a 5. Sua versão original considera um escore maior ou igual a 3 (médio) em um dos 17 itens como um sintoma clinicamente significativo. Esse questionário foi desenvolvido em 1993, por Weathers, Litz, Huska e Keane, do National Center for PTSD - EUA (Berger, Mendlowicz, Souza & Figueira, 2004).

Após a aplicação dos questionários através de formulário eletrônico, as respostas foram colhidas e tabuladas. Os dados serão apresentados no capítulo a seguir, no qual serão descritos os valores absolutos e relativos das variáveis investigadas neste estudo. Serão apresentados em formato de tabelas os aspectos das variáveis demográficas, socioeconômicas e relacionadas à formação acadêmica (Tabela 1); os resultados referentes às prevalências de violência física, psicológica e sexual (Tabela 2); resultados da análise de prevalência e associação de TMC com cada tipo de violência sofrida (Tabela 3 e 4) e os resultados referentes à análise da associação da violência física, psicológica e sexual com Transtorno do Estresse Pós Traumático -TEPT (Tabela 5). Foi realizado a Regressão Logística para computar os valores da Razão de Chances (OR), com intervalo de confiança de 95%.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1, descreve as variáveis demográficas, socioeconômicas e relacionadas a formação acadêmica para o total da amostra de 375 estudantes universitários de onze cursos da área da saúde uma Instituição Privada de Ensino Superior.

Tabela 1. Descrição das variáveis demográficas, socioeconômicas e da formação acadêmica.

<b>Variáveis Quantitativas</b>	<b>Média(DP)</b>	<b>Mediana</b>
Idade (anos)	23,5 (±6,4)	22,0
Anos de estudo	18,5 (±4,8)	18,0
<b>Variáveis Categóricas</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>		
Feminino	266	70,9
Masculino	109	29,1
<b>Etnia Autodeclarada</b>		

Branca	180	48,0
Parda	152	40,5
Preta	28	7,5
Amarela	12	3,2
Indígena	03	0,8
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro (a)	312	83,2
Casado (a)	39	10,4
União estável	14	3,7
Não quis responder	09	2,4
Divorciado (a)	01	0,3
<b>Nº de Dependentes</b>		
0	319	85,1
1	23	6,1
2	20	5,3
3	3	0,8
5	1	0,3
não quis responder	9	2,4
<b>Exerce Atividade Remunerada?</b>		
Sim	142	37,9
Não	227	60,5
não quis responder	06	1,6
<b>Renda Familiar</b>		
até R\$ 1.320,00	14	3,7
de R\$ 1.321,00 até R\$ 3.960,00	86	22,9
de R\$ 3.961,00 até R\$ 7.920,00	112	29,9
de R\$ 7.921,00 até R\$ 10.560,00	43	11,5
acima de R\$ 10.561,00	73	19,5
não quis responder	47	12,5

Fonte: Dados da Pesquisa. Alagoas, Brasil, 2023.

A média da idade entre os participantes foi de 23,5 anos (DP  $\pm 6,4$ ); a média da quantidade de anos de estudo entre os participantes foi de 18,5 anos (DP  $\pm 4,8$ ). É perceptível que a maior parte da amostra é composta por mulheres, 70,9% (n=266); indivíduos solteiros, 83,2% (n=312); cor branca, seguida de cor parda, respectivamente, 48% (n=180) e 40,5% (n=152); sem dependentes 85,1% (n=319); sem atividade remunerada, 60,5% (n=227); com renda familiar de R\$ 3.961,00 até R\$ 7.920,00, seguido de participantes com renda familiar de R\$ 1.321,00 até R\$ 3.960,00, respectivamente, 29,9% (n=112) e 22,9% (n=86).

Na tabela 2 abaixo, encontra-se os percentuais dos tipos de violência relatadas pelos estudantes, incluindo o percentual daqueles que preferiram não reportar se sofreram algum tipo de violência.

Tabela 2. Percentuais de violências sofridas alguma vez na vida entre estudantes universitários.

	Sim		Não		Não quis reportar		Total	
	n	%	N	%	n	%	N	%
<b>Tipo de violência sofrida alguma vez na vida</b>								
Violência Física	112	29,9	249	66,4	14	3,7	375	100,0
Violência Sexual	92	24,5	256	68,3	27	7,2	375	100,0
Violência Psicológica	189	50,4	158	42,1	28	7,5	375	100,0

Fonte: Dados da Pesquisa. Alagoas, Brasil, 2023.

O principal tipo de violência já sofrida, alguma vez na vida, pelos estudantes foi a violência psicológica com 50,4% (n=189) da amostra total, ou seja, mesmo considerando aqueles que não quiseram responder esse quesito, mais da metade dos respondentes relataram ter sofrido violência psicológica alguma vez na vida. Em segundo lugar tivemos a violência física, com 29,9% (n=112) da amostra total, o que significa que cerca de aproximadamente um terço dos participantes relataram já ter sofrido violência física alguma vez na vida. E por último, a violência sexual, com cerca de 24,5% (n=92), ou seja, aproximadamente um, a cada quatro alunos, relataram ter sofrido violência sexual, alguma vez na vida.

Já no que diz respeito a prevalência e associação de TMC com o tipo de violência sofrida, considerando que o ponto de corte do instrumento que avaliou o TMC é diferente entre homens (6 pontos) e mulheres (8 pontos), a análise dos resultados dessa variável foi feita de forma separada de acordo com cada sexo, vejamos o que aponta a tabela 3 referente aos resultados dos participantes do sexo feminino:

Tabela 3. Prevalência e associação de TMC com o tipo de violência sofrida dentre os estudantes do sexo feminino.

	Com TMC <sup>±</sup>		Sem TMC		Total		p-valor	OR(IC-95%)
	N	%	N	%	n	%		
<b>Violência física alguma vez na vida</b>							<b>0,07<sup>a</sup></b>	1,66 (0,96-2,87)
Sim	60	69,0	27	31,0	87	100,0		
Não	95	57,2	71	42,8	166	100,0		
<b>Violência sexual alguma vez na vida</b>							<b>0,02<sup>a*</sup></b>	1,97 (1,10-3,52)
Sim	60	73,2	22	26,8	82	100,0		
Não	94	58,0	68	42,0	162	100,0		
<b>Violência psicológica alguma vez na vida</b>							<b>&lt;0,001<sup>a*</sup></b>	2,70 (1,58-4,64)
Sim	104	72,2	40	27,8	144	100,0		
Não	48	49,0	50	51,0	98	100,0		

±: Ponto de corte para TMC positivo  $\geq 8$  pontos na escala SRQ-20.

a = Teste Qui-Quadrado de Pearson; \* = Estatisticamente significativo.

13 Mulheres optaram por não responder ao quesito sobre violência física.

22 Mulheres optaram por não responder ao quesito sobre violência sexual.

24 Mulheres optaram por não responder ao quesito sobre violência psicológica.

Fonte: Dados da Pesquisa. Alagoas, Brasil, 2023.

A prevalência de TMC dentre as mulheres que sofreram violência, de acordo com o tipo de violência sofrida, foi de 69,0% (n=60) do total de mulheres que apontaram ter sofrido violência física (n=87); 73,2% (n=60) do total que sinalizaram que sofreram violência sexual (n=82); 72,2% (n=104) do total que afirmaram que sofreram violência psicológica (n=144).

Sobre os resultados desta pesquisa, no que diz respeito as análises de associações com participantes do sexo feminino, foi revelado que: não houve resultado estatisticamente significativo entre violência física e TMC (p=0,07), no entanto, os resultados da associação entre violência sexual e violência psicológica com TMC (p=0,02 e p<0,001, respectivamente) sugeriram associações estatisticamente significativas, sendo o valor de p<0,05.

Os resultados de prevalência e associação de TMC com o tipo de violência sofrida para os participantes do sexo masculino serão apresentados na tabela 4, abaixo:

Tabela 4. Prevalência e associação de TMC com o tipo de violência sofrida dentro os estudantes do sexo masculino.

	Com TMC <sup>±</sup>		Sem TMC		Total		p-valor	OR(IC-95%)
	n	%	n	%	n	%		
<b>Violência física alguma vez na vida</b>							0,34 <sup>a</sup>	1,54 (0,62-3,84)
Sim	11	44,0	14	56,0	25	100,0		
Não	28	33,7	55	66,3	83	100,0		

<b>Violência sexual alguma vez na vida</b>							0,17 <sup>b</sup>	2,77 (0,73-10,5)
Sim	6	60,0	4	40,0	10	100,0		
Não	33	35,1	61	64,9	94	100,0		
<b>Violência psicológica alguma vez na vida</b>							0,03 <sup>a*</sup>	2,42 (1,07-5,44)
Sim	22	48,9	23	51,1	45	100,0		
Não	17	28,3	43	71,7	60	100,0		

±: Ponto de corte para TMC positivo  $\geq 6$  pontos na escala SRQ-20.

a = Teste Qui-Quadrado de Pearson; b = Teste Exato de Fisher; \* = Estatisticamente significativo.

01 Homem optou por não responder ao quesito sobre violência física.

05 Homens optaram por não responder ao quesito sobre violência sexual.

04 Homens optaram por não responder ao quesito sobre violência psicológica.

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

A prevalência de transtorno mental comum dentre os homens que sofreram algum tipo de violência, de acordo com o tipo de violência sofrida, foi de 44,0% (n=11) do total de homens que apontaram ter sofrido violência física (n=25); 60,0% (n=6) do total que revelaram ter sofrido violência sexual (n=10); 48,9% (n=22) do total que afirmaram ter sofrido violência psicológica (n=45).

Sobre os resultados das associações de TMC com violência entre participantes do sexo masculino, foi revelado que: para associação entre violência física e violência sexual com TMC (p=0,34 e p=0,17, respectivamente) os resultados não foram estatisticamente significativos, já para associação entre violência psicológica e TMC (p=0,03) o resultado apontou associação estatisticamente significativa, considerando o valor de p<0,05.

Já em relação a prevalência e associação de TEPT com o tipo de violência sofrida, a tabela 5 apresenta os seguintes resultados:

Tabela 5. Associação de TEPT com o tipo de violência sofrida dentre os estudantes universitários.

	Com TEPT <sup>±</sup>		Sem TEPT		Total		p-valor	OR(IC-95%)
	n	%	n	%	n	%		
<b>Violência física alguma vez na vida</b>							<0,001 <sup>a*</sup>	3,87 (2,20-6,80)
Sim	94	83,9	18	16,1	112	100,0		
Não	143	57,4	106	42,6	249	100,0		
<b>Violência sexual alguma vez na vida</b>							<0,001 <sup>a*</sup>	3,18 (1,73-5,84)
Sim	77	83,7	15	16,3	92	100,0		
Não	158	61,7	98	38,3	256	100,0		
<b>Violência psicológica alguma vez na vida</b>							<0,001 <sup>a*</sup>	5,49 (3,35-9,02)
Sim	158	83,6	31	16,4	189	100,0		

Não 76 48,1 82 51,9 158 100,0

±: Ponto de corte para transtorno de estresse pós-traumático  $\geq 33$  pontos na escala TEPT.

a = Teste Qui-Quadrado de Pearson; \* = Estatisticamente significativo.

14 optaram por não responder ao quesito sobre violência física.

27 optaram por não responder ao quesito sobre violência sexual.

28 optaram por não responder ao quesito sobre violência psicológica.

Fonte: Dados da Pesquisa. Alagoas, Brasil, 2023.

Os resultados da prevalência de TEPT para aqueles que sofreram violência física, sexual e psicológica, respectivamente foram de 83,9% (n=94), 83,7% (n=77) e 83,6% (n=158).

No que diz respeito à análise da associação de TEPT com cada tipo de violência, os resultados apontaram que houve associações estatisticamente significativas nos três tipos: física ( $p < 0,001$ ), sexual ( $p < 0,001$ ) e psicológica ( $p < 0,001$ ). Considerando o valor de  $p < 0,05$ .

Com os resultados expostos, podemos afirmar que o perfil dos acadêmicos participantes desse estudo, é compatível com o perfil de vários estudos que apontam que a maioria das amostras de estudantes universitários em pesquisa com essas variáveis foi composta por jovens com faixa etária entre 21 a 24 anos, do sexo feminino (Haj-Yahia *et al.* 2019, Miller-Graff, Howell, Martinez-Torteya, & Hunter, 2015, Marci & Sanderson, 2017, McClain, Kammer-Kerwick, Wood, Temple, & Busch-Armendariz, 2021; Santos, Alves, Goldbaum, Cesar & Gianini, 2019, Oppong Asante & Andoh-Arthur, 2015).

Sobre a prevalência de violência entre estudantes universitários da área da saúde obtidos nesta pesquisa, foi visto que, aproximadamente, metade dos participantes afirmaram que sofreram violência psicológica, alguma vez ao longo da vida; um terço, afirmou que sofreu violência física, alguma vez ao longo da vida; e um quarto, sofreu violência sexual, alguma vez ao longo da vida.

Sobre esses resultados, um alerta grande é obtido quando se compara os resultados desta pesquisa com os resultados de prevalência de estudos que fizeram a análise por tipo de violência, vejamos:

Sobre a prevalência de violência psicológica, a partir de uma revisão sistemática de literatura com as variáveis investigadas, foi encontrado apenas um estudo que revelou prevalência maior que a obtida nesta pesquisa, o estudo foi realizado por Haj-Yahia *et al.* (2019), com estudantes israelenses de serviço social, e revelou que de 68,9% a 19% sofreram violência psicológica. Outros seis estudos apresentaram resultados iguais ou menores que os resultados desta pesquisa, sendo 2 com valores menores e 4 com valores aproximados, apontando resultados que variaram de 2% até 56% de prevalência de violência psicológica em estudantes universitários da área da saúde. (Miller-Graff, Howell, Martinez-Torteya, & Hunter, 2015, Alves *et al.*, 2021,

Yu, Wang, Chen, Perrin & Gross, 2021, Kothapalli et al., 2023, Haj-Yahia & De Zoysa, 2008, Kalmakis, Chiodo, Kent, & Meyer, 2020).

Já no que diz respeito a prevalência de violência física, dois estudos apresentaram resultados de prevalências maiores, outros três estudos apresentaram prevalências iguais ou menores, dos resultados apresentados por esta pesquisa. Foram encontrados resultados de prevalência de violência física maiores no estudo realizado por Yu, Wang, Chen, Perrin & Gross (2021) com estudantes de ciências da saúde na China, com prevalência de 45,1% para abuso físico; e o segundo estudo foi realizado por Kothapalli et al. (2023) com estudantes da área da saúde de Arunachal Pradesh – Índia a prevalência encontrada foi de 65,26%. Em outros dois estudos, foram encontrados resultados de prevalência de violência física menores que os revelados por esta pesquisa, o primeiro foi realizado com estudantes de medicina do Sri Lanka – Índia e os resultados variaram de 2% a 22%; já o segundo estudo foi de Alves et al. (2021) realizado com estudantes universitários de ciências da saúde no Brasil, a prevalência de ter sofrido violência física na infância foi de 3,2%. Um último estudo sobre prevalência de violência física, revelou resultados semelhantes aos da pesquisa em questão, a pesquisa de Haj-Yahia *et al.* (2019) revelou resultados que variam de 0% a 30%, sendo a primeira referente a ter sofrido agressão de algum familiar com faca ou arma e a última referente a ter levado um tapa ou murro de algum familiar.

Sobre prevalência de violência sexual, apenas dois estudos trouxeram resultados específicos, um estudo revelou dados semelhantes ao desta pesquisa e o outro apresentou resultados maiores. No primeiro estudo com estudantes da área da saúde de Arunachal Pradesh – Índia a prevalência para abuso sexual entre os participantes da pesquisa foi de 23,42% (Kathapalli *et al.*, 2023). Já no segundo estudo realizado com estudantes do curso de Medicina dos Estados Unidos da América a prevalência de abuso sexual foi de 51,1% (McClain, Kammer-Kerwick, Wood, Temple, & Busch-Armendariz, 2021).

Já no que diz respeito a prevalência de TMC dentre os participantes da pesquisa, pode-se considerar que independentemente do tipo de violência e do sexo do participante os dados de prevalência de TMC variaram de 48,9% a 69%.

Comparando os resultados desta pesquisa com os resultados de cinco estudos que investigaram essas variáveis e que foram encontrados a partir da revisão integrativa de literatura, observa-se que, quatro deles apresentaram resultados de prevalência menores ou similares com os resultados obtidos nesta pesquisa: Para sintomas de ansiedade, de moderado a grave, foi

encontrado uma taxa de prevalência em 10,2% com estudantes da China (Yu, Wang, Chen, Perrin & Gross, 2021), e uma taxa de prevalência em 57,8% com estudantes do Brasil (Alves *et al.*, 2021); Já para sintomas de depressão as taxas variaram de 16,2% a 39,2% (Yu, Wang, Chen, Perrin & Gross, 2021, Oppong Asante & Andoh-Arthur, 2015, Romo-Nava *et al.*, 2019), esses estudos envolveram estudantes do México, da China e de Gana.

O último estudo, realizado com estudantes da área da saúde de Arunachal Pradesh – Índia, também apresentou resultado semelhante no que diz respeito a prevalência de sintomas de ansiedade, com 55,52%; porém o resultado referente a prevalência de sintomas de depressão foi maior, comparado ao desta pesquisa, com resultado de 80% (Kothapalli *et al.*, 2023).

Em resumo, diante das análises obtidas em relação a prevalência de TMC entre estudantes universitários da saúde, um número muito maior de estudos encontrados na literatura, trouxeram incidências menores que os encontrados nesta pesquisa.

Sobre a análise relacionada a associação de TMC com violência entre estudantes universitários encontrou-se que o único tipo de violência que não foi encontrada associação com TMC, tanto para os participantes do sexo feminino, quanto para os participantes do sexo masculino foi a violência física. E o tipo de violência que foi detectada associação significativa com TMC, independente do sexo do participante, foi a violência psicológica. Os resultados desta pesquisa foram compatíveis com os resultados de outros 8 estudos encontrados através de revisão de literatura que investigaram à associação entre violência e TMC, onde os valores variaram de  $p < 0,001$  até  $p = 0,05$ . (Kothapalli *et al.*, 2023, Masci & Sanderson, 2021, Oppong Asante & Andoh-Arthur, 2015, Romo-Nava *et al.*, 2019, Miller-Graff, Howell, Martinez-Torteya, & Hunter, 2015, McClain, Kammer-Kerwick, Wood, Temple, & Busch-Armendariz, 2021, Haj-Yahia & De Zoysa, 2008, Alves *et al.*, 2021).

Pode-se dizer que todos os artigos encontrados confirmam os resultados desta pesquisa, quando também apontam associações entre exposição a diversos tipos de violência e sintomas de ansiedade e depressão. O único ponto que merece ressalva é que os resultados desta pesquisa não demonstraram associação entre violência física e TMC, enquanto diversos estudos apontaram associação significativa.

Sobre a análise da prevalência de TEPT em estudantes universitários, dentre os três tipos de violência investigados, os resultados de prevalência foram basicamente iguais, 83% dos participantes responderam ao quesito de terem sofrido qualquer tipo de violência em algum momento da vida e também atenderam ao critério de TEPT; por outro lado, os resultados de

prevalência de TEPT para o grupo que não sofreu violência, seja ela física, sexual ou psicológica, também chamaram atenção, revelando resultados que variaram de 48,1% a 57,4%. Na literatura foi encontrado apenas um estudo que trouxe resultado de prevalência de TEPT entre estudantes universitários da área da saúde.

Este estudo foi realizado por Kalmakis, Chiodo, Kent, e Meyer, 2020). (2020), com estudantes de graduação em enfermagem dos EUA, e apresentou uma prevalência de TEPT de 9,3% entre os participantes. Comparando esse resultado com os resultados obtidos nesta pesquisa, percebemos que os resultados de prevalência de TEPT nos estudantes que não sofreu nenhum tipo de violência foi de 5 a 6 vezes maior nesta pesquisa do que o resultado encontrado na literatura; já em relação ao grupo que sofreu algum tipo de violência, o resultado encontrado nesta pesquisa foi de, aproximadamente, nove vezes maior que o resultado do estudo encontrado na literatura.

Por fim, no que diz respeito aos resultados desta pesquisa em relação a associação entre violência e TEPT, independentemente do tipo de violência sofrida, seja ela violência física, psicológica e sexual, foram encontrados resultados que indicam correlação estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ). Na literatura, foram encontrados quatro artigos que trouxeram dados estatísticos em relação a associação entre violência e TEPT, todos corroboraram o que foi encontrado nesta pesquisa, quando apontaram que foram detectadas associações entre TEPT e violência, onde os valores variaram de  $p < 0,001$  até  $p = 0,05$  (Masci & Sanderson, 2021; Scarpa et al. 2002; Haj-Yahia & De Zoysa, 2008; Haj-Yahia *et al.*, 2019).

## CONCLUSÃO

O estudo desenvolvido revelou que a prevalência de violência encontrada nos estudantes universitários da área da saúde foi de, aproximadamente, metade que sofreu violência psicológica alguma vez ao longo da vida; um terço que sofreu violência física; e um quarto, que sofreu violência sexual.

Em relação a prevalência de TMC e TEPT, foi visto que, diversos artigos citados trouxeram menores ocorrências, comparadas às encontradas nesta pesquisa; tanto para universitários que não atenderam ao quesito de violência, quanto para aqueles que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência ao longa da vida.

Outras revelações importantes desta pesquisa são referentes aos dados de associação entre violência com TMC e TEPT nos estudantes universitários; apenas na violência física não foi

encontrada associação significativa entre violência e TMC, no entanto, nos resultados em relação a associação entre violência e TEPT, foram encontradas correlações para todos os tipos de violência estudadas.

Desta forma, os resultados encontrados devem despertar atenção tanto da instituição de ensino do estudo, quanto de outras instituições de ensino superior sobre a necessidade de implantação de estratégias de rastreamento e apoio aos estudantes que se encontram nessas situações de vulnerabilidade e agravo à sua integridade mental e física.

## REFERÊNCIAS

Abramovay, M. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO.

Alves, J.V.S.; Paula, W.D., Neto, P.R.R., Godman, B., Nascimento, R.C.R.M., Coura-Vital W. (2023). Prevalence and factors associated with anxiety among university students of health sciences in Brazil: findings and implications. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 70, n. 2, p. 99-107. <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6NYtJ9h8ZWhgQ7wX7HmPNHs/>

Berger, W., Mendlowicz, M. V., Souza, W. F., & Figueira, I. (2004). Equivalência semântica da versão em português da Post-Traumatic Stress Disorder Checklist - Civilian Version (PCL-C) para rastreamento do transtorno de estresse pós-traumático. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 26(2). <https://doi.org/10.1590/S0101-81082004000200006>

Dahlberg, L.L. & Krug, E.G. (2007) Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(Sup): 1163-1178. Acessado, 22 Agosto 2023. <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2006.v11suppl0/1163-1178/pt>

Haj-Yahia, M. M., Sokar, S., Hassan-Abbas, N., & Malka, M. (2019). *Relação entre exposição à violência familiar na infância e sintomas de estresse pós-traumático na idade adulta jovem: o papel mediador do apoio social. Maus-tratos infantis e negligência*, 92, 126–138. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.03.023>

Haj-Yahia, M. M., & de Zoysa, P. (2008). *Taxas e efeitos psicológicos da exposição à violência familiar entre estudantes universitários do Sri Lanka. Maus-tratos infantis e negligência*, 32(10), 994–1002. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.05.001>

Kalmakis, K. A., Chiodo, L. M., Kent, N., & Meyer, J. S. (2020). *Experiências adversas na infância, sintomas de transtorno de estresse pós-traumático e estresse autorrelatado entre estudantes universitários tradicionais e não tradicionais. Jornal de saúde universitária americana* : J de ACH, 68(4), 411–418. <https://doi.org/10.1080/07448481.2019.1577860>

Kothapalli, J., Munikumar, M., Kena, T., Chaturvedi, A., Sujir, N., Kodumuri, P. K., Lourembam, D., & Tagum, T. (2023). *Abuso e ansiedade na infância, depressão - Uma abordagem interprofissional para otimizar o conhecimento e a conscientização entre estudantes de profissões de saúde de adultos jovens de Arunachal Pradesh, Índia. Acta psicológica*, 233, 103837. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2023.103837>

Malajovich, N.; Vilanova, A.; Frederico, C.; Cavalcanti, M.T.; Velasco, L.B. (2007). A juventude universitária na contemporaneidade: a construção de um serviço de atenção em saúde mental para estudantes. *Revista Mental*. V. 11, n.21, p. 356-77, 2007.  
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>

Mascarenhas, M. D. M.; Melo, A. S.; Rodrigues, M. T. P.; Bahia, C. A.; Lima, C. M.; Corassa, R. B.; Andrade, F. M. D.; Malta, D. C. (2021). Prevalência de exposição à violência entre adultos – Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia* [online]. V 24 (sup 2).  
<https://doi.org/10.1590/1980-549720210019.supl.2>

Masci, B. S. S. F. & Sanderson, S. (2017). Perceptions of Psychological Abuse Versus Physical Abuse and Their Relationship With Mental Health Outcomes. *Violence and Victims*, v. 32(2).  
<https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-15-00180>

McClain, T., Kammer-Kerwick, M., Wood, L., Temple, J. R., & Busch-Armendariz, N. (2021). *Assédio sexual entre estudantes de medicina: prevalência, predição e desfechos correlacionados*. *Saúde e segurança no trabalho*, 69(6), 257–267.  
<https://doi.org/10.1177/2165079920969402>

Melo, G. B. (2015). *Estudo epidemiológico sobre associação entre exposição à violência em diferentes fases da vida e a presença de transtornos mentais em adultos*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UFAL: Maceió.

Miller-Graff, L. E., Howell, K. H., Martinez-Torteya, C., & Hunter, E. C. (2015). *Tipologias de exposição infantil à violência: associações com a saúde mental de estudantes universitários*. *Jornal de saúde universitária americana : J de ACH*, 63(8), 539–549.  
<https://doi.org/10.1080/07448481.2015.1057145>

Moreira, S. da N. T., Vasconcellos, R. L. dos S. S., & Heath, N.. (2015). Estresse na Formação Médica: como Lidar com Essa Realidade?. *Revista Brasileira De Educação Médica*, 39(4), 558–564. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n4e03072014>

Opong Asante, K., & Andoh-Arthur, J. (2015). Prevalência e determinantes de sintomas depressivos entre estudantes universitários em Gana. *Jornal de transtornos afetivos*, 171, 161–166. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2014.09.025>

Organização Mundial de Saúde. (2014). *Global Status Report on Violence Prevention*. Traduzido por Núcleo de Estudos da Violência da Universidade: São Paulo. Organização Mundial de Saúde: Geneva.

Romo-Nava, F., Bobadilla-Espinosa, R. I., Tafoya, S. A., Guízar-Sánchez, D. P., Gutiérrez, J. R., Carriedo, P., & Heinze, G. (2019). Major depressive disorder in Mexican medical students and associated factors: A focus on current and past abuse experiences. *Journal of affective disorders*, 245, 834–840. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.11.083>

Rouquayrol, M.Z. & Gurgel, M. (2018). *Rouquayrol: epidemiologia e saúde*. 8ed. Rio de Janeiro: MedBook.

Santos, G. de B. V. dos, Alves, M. C. G. P., Goldbaum, M., Cesar, C. L. G., & Gianini, R. J. (2019). Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em moradores da área

urbana de São Paulo, Brasil. *Cadernos de saude publica*, 35(11). <https://doi:10.1590/0102-311X00236318>

Santos, K. O. B., Araújo, T. M., Pinho, P. S., & Silva, A. C. C. (2010). Avaliação de um instrumento de mensuração de morbidade psíquica: estudo de validação do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20). *Revista Baiana de Saúde Pública*, 34(3), 544-560. <https://doi:10.22278/2318-2660.2010.v34.n3.a54>

Scarpa, A., Fikretoglu, D., Bowser, F., Hurley, J. D., Pappert, C. A., Romero, N., & Van Voorhees, E. (2002). Exposição à violência comunitária em estudantes universitários: replicação e extensão. *Revista de Violência Interpessoal*, 17(3), 253-272. <https://doi.org/10.1177/0886260502017003002>

Yu, Z., Wang, L., Chen, W., Perrin, N., & Gross, D. (2021). Adversidade na infância e saúde mental entre jovens chineses: o papel protetor da resiliência. *Revista de enfermagem avançada*, 77(12), 4793–4804. <https://doi.org/10.1111/jan.15070>